

## **A AÇÃO PARABÓLICA DA ENTRADA DE JESUS EM JERUSALÉM (Mc 11.1-11)**

### **THE PARABOLIC ACTION OF THE JESUS ENTRY IN JERUSALEM (MK 11.1-11)**

*Claiton André Kunz<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

Jesus utilizou diferentes métodos de ensino durante o seu ministério. Um destes foi o método das ações parabólicas, nos mesmos moldes das ações simbólicas dos profetas do Antigo Testamento. A presente pesquisa analisa a entrada de Jesus em Jerusalém, de acordo com o relato do evangelista Marcos, dentro da perspectiva de uma ação parabólica, procurando encontrar respostas à questão do significado desta ação.

**Palavras-chaves:** Ação parabólica. Jesus. Entrada. Jerusalém.

#### **ABSTRACT**

Jesus used different teaching methods during his ministry. One was the method of parabolic actions, in a similar fashion to the symbolic actions of the Old Testament prophets. This research analyzes the entry of Jesus into Jerusalem, according to the account of the Evangelist Mark, from the perspective of a parabolic action and seek

---

<sup>1</sup> O autor é graduado em Teologia e Filosofia. Tem mestrado e doutorado em Teologia (Bíblia) pela Escola Superior de Teologia (São Leopoldo). É professor e coordenador acadêmico da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [claiton@batistapioneira.edu.br](mailto:claiton@batistapioneira.edu.br)

answers to the question of the action's meaning.

**Keywords:** Parabolic action. Jesus. Entry. Jerusalem.

## INTRODUÇÃO

A entrada de Jesus em Jerusalém parece ter sido cuidadosamente planejada pelo Mestre, para transmitir aos espectadores uma mensagem específica referente à Sua missão neste mundo. Esta mensagem parece confrontar diretamente a concepção judaica corrente e, por isso, Jesus a transmite não verbalmente, mas por meio de um gesto que aqui denominamos como “ação parabólica”.

### 1. TEXTO DA ENTRADA EM JERUSALÉM

#### 1.1 Visão geral do texto

Antes de entrar na cidade, Jesus prepara o ato. A impressão que as pessoas têm é que Jesus chegou pela primeira vez naquela cidade. Entretanto, pela leitura do evangelho de João sabemos que não foi a única vez, mas houve outras visitas, principalmente por ocasião das festas especiais dos judeus - como a Páscoa e a Dedicção. Entretanto, esta seria uma visita diferente.

Álvarez lembra que este episódio acontece a uma semana da festa nacional mais concorrida de todas e Jesus aproveita para deixar claro, de uma vez por todas, que Seu Reino é extraordinariamente diferente de todos os reinos deste mundo. Com as ações que realizará nesta semana, inclusive aquelas realizadas no templo, anuncia como será o seu percurso, mesmo que seja derramando o seu próprio sangue.<sup>2</sup> De acordo com Bortolini, inicialmente o Messias-rei é bem acolhido pela multidão. Isto pode ser percebido quando comparamos algumas perguntas e reações de dois grupos diferentes: por um lado, os questionamentos (“por quê?”) dos fariseus e doutores da Lei (como por exemplo em Marcos 2.7,16,18,24) e as respectivas reações, assim como o questionamento (“por quê?”) dos donos do jumentinho e a reação dos mesmos quando foram informados que Jesus precisava dele.<sup>3</sup>

Álvarez informa ainda que a escolha do animal com o qual Jesus iniciará esta série de ações “é um animal digno de um rei (IRs 1.33-48) e do Messias (Zc 9.9), mas de um Messias que diz não para a guerra”.<sup>4</sup> Mateos e Camacho concordam: “diante

<sup>2</sup> ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. *Marcos*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. p. 99.

<sup>3</sup> BORTOLINI, José. *O evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 209.

<sup>4</sup> ÁLVAREZ, 2007, p. 100.

da distorcida expectativa messiânica da multidão, Jesus não pretende realizar uma entrada triunfal em Jerusalém, mas sim afirmar seu messianismo pacífico”.<sup>5</sup>

Gnilka faz uma breve análise apresentando a estrutura da perícopé da entrada de Jesus em Jerusalém. Afirma que a perícopé se divide em duas seções: a preparação da montaria (1b-7) e a entrada na cidade (8-11a). Mostra também que Ia e 11b são anotações geográficas que servem de marco e correspondem ao movimento de entrada e saída da cidade. Demonstra ainda que a primeira parte, da preparação da montaria (1b-7), pode ser subdividida em encargo (1b-3) e cumprimento (4-7), cuidadosamente traçados e relacionados um com o outro. As palavras do encargo se repetem no relato do cumprimento, mostrando que tudo se desenvolve como Jesus havia determinado anteriormente.<sup>6</sup>

## 1.2 Delimitação do texto

A perícopé que trata da entrada de Jesus em Jerusalém pode ser delimitada do verso 1 a 11 do capítulo 11 do Evangelho de Marcos. Vários aspectos apontam para esta delimitação:<sup>7</sup>

a) **Espaço:** o evento da perícopé anterior (cura do cego) acontece em Jericó (10.46-52), enquanto o novo tema se desenvolve na proximidade de Jerusalém, Betfagé e Betânia, junto ao Monte das Oliveiras (11.1), indicando que um novo tema passa a ser desenvolvido. Já o versículo 12 indica uma nova mudança de espaço, pois afirma que Jesus e os discípulos estavam saindo de Betânia. Assim, uma nova perícopé inicia, indicando que a perícopé em questão encerra-se no verso 11 do capítulo.

b) **Tempo:** o termo ὅτε (“quando”) no início do versículo 1 denota que há uma mudança temporal em relação à perícopé anterior. Embora não haja a indicação específica do tempo, o termo grego é suficiente para indicar a mudança. No versículo 12 temos a expressão “no dia seguinte”, o que demonstra que um novo tema será tratado em nova perícopé.

c) **Personagens:** enquanto na perícopé anterior o cego de Jericó estava no centro do episódio e os discípulos de Jesus meramente assistiam aos fatos, já no versículo 1 do

<sup>5</sup> MATEOS, Juan; CÁMACHO, F. *Marcos: texto e comentário*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1998. p. 258.

<sup>6</sup> GNILKA, Joachim. *El evangelio segun San Marcos*. Salamanca: Sígueme, 1986. p. 134. Enquanto alguns autores argumentam pela ausência de unidade da perícopé, Smith defende que o texto compreende uma unidade, inclusive a parte final sobre o Filho de Davi, visto por alguns como material redacional. Cf. SMITH, Stephen H. The literary structure of Mark 11.1 - 12.40. In: *Novum Testamentum: an international quarterly for New Testament and related studies*, Leiden, vol. 31, n. 2, 1989. p. 104-124.

<sup>7</sup> Cf. SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 70-75.

capítulo II dois deles são enviados para uma tarefa especial, ao redor da qual a entrada de Jesus em Jerusalém aconteceria. Outros novos personagens, embora anônimos, também são agregados no decorrer da perícopre. A multidão que fora agregada neste interím desaparece ao final do verso II, indicando que o tema da entrada em Jerusalém se encerra ali, dando lugar a um novo tema na sequência.

d) **Campo semântico:** no decorrer da perícopre podemos encontrar um campo semântico relacionado à “montaria”, que é a forma pela qual Jesus entra em Jerusalém. Esse campo semântico é formado pelas palavras: “aldeia”, “jumentinho”, “montar”, “desprender”, “preso”, “portão”, “fora na rua”, “soltar”, “montar”, “caminho”, etc.

Parece não haver dúvidas de que a perícopre da entrada em Jerusalém delimita-se dos versos I a II do capítulo II de Marcos.

### 1.3 Crítica textual

A perícopre da entrada de Jesus em Jerusalém apresenta variantes apenas no versículo 3. De acordo com o *The greek New Testament*,<sup>8</sup> as opções são as seguintes:

αὐτὸν ἀποστέλλει πάλιν **8** (B 2427 ἀποστέλλει πάλιν αὐτόν) (C\*<sup>vid</sup> αὐτόν πάλιν ἀποστέλλει) DL (Δ omit αὐτόν) (Θ πάλιν ἀποστέλλει αὐτόν) 579 892 1241 *Lect* (it<sup>d</sup> eth Origen<sup>1/4</sup> ἀποστελεῖ) (slav) Origen<sup>1/4</sup> //

αὐτὸν ἀποστέλλει A C<sup>2</sup> f<sup>3</sup> 28 157 565 1010 1071 1243 1342 1424 1505 Byz [E F H Σ] (I 184<sup>1/2</sup> αὐτοῦς ἀποστέλλει) I 524 I 547 I 950 it<sup>aur, b, (c), k, (l)</sup> vg<sup>mss</sup> syr<sup>s, p, h, pal</sup> (geo) Origen<sup>1/4</sup> //

αὐτὸν ἀποστελεῖ G W Ψ f<sup>1</sup> 180 205 597 700 (1006 ἀποστελεῖ αὐτόν) 1292 I<sup>AD</sup> it<sup>(a), f, (ff2), i, (q)</sup> vg (arm) Origen<sup>1/4</sup>

A primeira leitura afirma αὐτόν ἀποστέλλει πάλιν (... “ele [o Senhor] envia ele [o jumento] de novo”). Mesmo havendo pequenas modificações na ordem das palavras, essa leitura é atestada pelos manuscritos Sinaítico, Vaticano, Beza, L, Θ, entre outros, além de alguns minúsculos, a maioria dos lecionários e também por Orígenes.

A segunda leitura afirma αὐτόν ἀποστέλλει (... “ele [o Senhor] envia ele [o jumento]”); neste caso, é omitido o advérbio πάλιν (“de novo”). Esta leitura é atestada pelos manuscritos Alexandrino, Efraimita (segundo corretor), a família de manuscritos 13, alguns minúsculos, uma parte dos manuscritos bizantinos, alguns lecionários, alguns manuscritos da versão Latina (15, 4, 6, I e II), alguns manuscritos

<sup>8</sup> ALAND, K. et. al. (Edit.). *The greek New Testament*. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994. p. 165.

da Vulgata, da Siríaca (Sinaítica, Peshita, Harclense e Palestínica) e Georgiana, e o testemunho parcial de Orígenes.

Já a terceira leitura afirma *αὐτὸν ἀποστελεῖ*. Aqui o verbo “enviar” passa de um presente para um futuro do indicativo ativo, terceira pessoa do singular: “... ele [o Senhor] *enviará* ele [o jumento]”. Neste caso, também é omitido o advérbio *πάλιν* (“de novo”). Confirmam esta leitura os manuscritos G, W, Ψ, f<sup>1</sup>, 180, 205, 597, 700, 1292, pelos Lecionários da Igreja Grega, pela versão Antiga Latina (manuscritos 3, 10, 28, 17 e 13), pela Vulgata Latina, pela Armênia e por Orígenes.

Os editores do *The greek New Testament* atribuem a letra {B} para o grau de originalidade da primeira leitura. Talvez a dúvida permaneça pelo fato de haver uma forte atestação em termos de manuscritos, mas não se harmonizar tão bem com o contexto da frase. De fato, a fluência do texto parece sugerir que o verbo poderia ou deveria estar no futuro, tendo em vista que a ação da devolução do animal de montaria se daria somente mais tarde (ou seja, no futuro em relação àquele momento) e não simultaneamente ao empréstimo. Quando comparado ao texto paralelo de Mateus 21.3, encontramos ali o verbo “enviar” no futuro.<sup>9</sup> Boa parte das traduções em português já traz o termo traduzido no futuro, o que parece harmonizar-se melhor com o contexto.

#### 1.4 Tradução do texto

O texto grego de Marcos 11.1-11, segundo o *The greek New Testament*, é:

Καὶ ὅτε ἐγγίζουσιν εἰς Ἱεροσόλυμα εἰς Βηθθαφαῖν καὶ Βηθανίαν πρὸς τὸ ὄρος τῶν Ἐλαιῶν, ἀποστέλλει δύο τῶν μαθητῶν αὐτοῦ καὶ λέγει αὐτοῖς, Ὑπάγετε εἰς τὴν κώμην τὴν κατέναντι ὑμῶν, καὶ εὐθὺς εἰσπορευόμενοι εἰς αὐτὴν εὐρήσετε πῶλον δεδεμένον ἐφ’ ὃν οὐδεὶς οὐπὼ ἀνθρώπων ἐκάθισεν· λύσατε αὐτὸν καὶ φέρετε. καὶ ἐάν τις ὑμῖν εἴπη, τί ποιεῖτε τοῦτο; εἶπατε, Ὁ κύριος αὐτοῦ χρεινα ἔχει, καὶ εὐθὺς αὐτὸν ἀποστέλλει πάλιν ὧδε. καὶ ἀπήλθον καὶ εὗρον πῶλον δεδεμένον πρὸς θύραν ἔξω ἐπὶ τοῦ ἀμφοδίου καὶ λύουσιν αὐτόν. καὶ ἄτινες τῶν ἐκεῖ ἐστηκότων ἔλεγον αὐτοῖς, τί ποιεῖτε λύοντες τὸν πῶλον; οἱ δὲ εἶπαν αὐτοῖς καθὼς εἶπεν ὁ Ἰησοῦς, καὶ ἀφήκαν αὐτούς. καὶ φέρουσιν τὸν πῶλον πρὸς

<sup>9</sup> De acordo com Paroschi, os editores normalmente dão preferência à variante em desacordo, pois os escribas tinham a tendência de harmonizar os textos discordantes (PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 153).

τὸν Ἰησοῦν καὶ ἐπιβάλλουσιν αὐτῷ τὰ ἱμάτια αὐτῶν, καὶ ἐκαθισεν ἐπ' αὐτόν. καὶ πολλοὶ δὲ ἱμάτια αὐτῶν ἔστρωσαν εἰς τὴν ὁδόν, ἄλλοι δὲ σπιβάδας κόψαντες ἐκ τῶν ἀγρῶν. καὶ οἱ προάγοντες καὶ οἱ ἀκολουθοῦντες ἔκραζον, Ὡσαννά· Εὐλογημένος ὁ ἐρχόμενος ἐν ὀνόματι κυρίου· Εὐλογημένη ἡ ἐρχομένη βασιλεία τοῦ πατρὸς ἡμῶν Δαυὶδ· Ὡσαννά ἐν τοῖς ὑψίστοις. Καὶ εἰσῆλθεν εἰς Ἱεροσόλυμα εἰς τὸ ἱερὸν καὶ περιβλεψάμενος πάντα, ὀψίας ἤδη οὔσης τῆς ὥρας, ἐξῆλθεν εἰς Βηθανίνα μετὰ τῶν δώδεκα.<sup>10</sup>

Por questão de espaço, não será possível transcrever aqui toda a análise léxica das palavras do texto. Portanto, será dada apenas a tradução final:

E quando se aproximaram de Jerusalém, de Betfagé e Betânia, junto ao Monte das Oliveiras, enviou dois dos seus discípulos e disse-lhes: Ide à aldeia diante de vós e logo ao entrar nela encontrareis um jumentinho amarrado sobre o qual ainda nenhum homem sentou; soltai-o e trazei. E se alguém vos disser: Por que fazeis isto? Dizei: O Senhor tem necessidade dele e logo o enviará de novo para cá. E foram e encontraram um jumentinho amarrado junto à porta, do lado de fora, na rua, e o soltaram. E alguns dos que estavam ali lhes disseram: Que fazeis soltando o jumentinho? E eles lhes disseram assim como Jesus havia dito e os deixaram ir. E levaram o jumentinho para Jesus e jogaram sobre ele as suas vestes, e sentou sobre ele. E muitos espalharam as suas vestes no caminho, e outros ramos cortados nos campos. E os que iam adiante e os que seguiam gritavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vem de nosso pai Davi. Hosana nas alturas. E entrou em Jerusalém, no templo, e tendo olhado todas as coisas ao redor, sendo já tarde a hora, saiu para Betânia com os doze.

## 2. CONTEXTO DA ENTRADA EM JERUSALÉM

Para a compreensão da perícopé da entrada de Jesus em Jerusalém são necessárias as análises de alguns contextos sobre a passagem em questão. São eles:

### 2.1 Contexto histórico

A entrada de Jesus em Jerusalém dá-se, conforme a tradição, na última semana do ministério de Cristo. Os evangelhos sinóticos preservam um esquema cronológico fixo.

<sup>10</sup> ALAND, 1994, p. 164-165.

Champlin, entretanto, informa que, com base no evangelho de João, poderíamos supor que a visita final de Jesus cobriu um período de vários meses, e não uma única semana. Tem-se notado que os evangelhos não procuram apresentar padrões cronológicos exatos, e geralmente expõem o material por “tópicos” e não “cronologicamente”. Na opinião de Champlin, é possível que a “semana da paixão” nos evangelhos sinóticos seja um sumário de eventos que se prolongaram talvez por diversos meses.<sup>11</sup>

Embora seja possível que estes acontecimentos tenham sido agrupados pelos evangelistas, também é perfeitamente possível que todos tenham acontecido no decorrer dos dias descritos pelos mesmos. Assim, não há provas cabais nem a favor de uma posição e nem de outra.

Mesmo assim, Champlin apresenta o esquema de Marcos da semana da paixão, que também é seguido por Mateus e por Lucas:

**Domingo:** entrada triunfal em Jerusalém e volta a Betânia (11.1-11)

**Segunda:** maldição da figueira e purificação do templo (11.12-19)

**Terça:** vários discursos (11.20 - 13.37)

**Quarta:** unção em Betânia e traição (14.1-11)

**Quinta:** preparação para a páscoa; última ceia; Getsêmani; detenção; julgamento diante do Sinédrio (14.12-72)

**Sexta:** julgamento ante Pilatos; condenação; crucificação; sepultamento (15.1-41)

**Sábado:** Jesus no túmulo (15.42-47)

**Domingo:** a ressurreição (16.1-8).<sup>12</sup>

Lenski lembra ainda que, pelo texto de Mateus, sabemos que duas multidões estavam presentes no momento da entrada em Jerusalém: a que saiu da cidade e a que acompanhava Jesus quando este se dirigia a Jerusalém. Lembra ainda que, pelo evangelho de João, sabemos que o entusiasmo do povo aumentou muito depois da ressurreição de Lázaro em Betânia, e que dali ele partiu em direção a Jerusalém.<sup>13</sup>

## 2.2 Contexto literário

Pohl afirma que a longa série de histórias que acontecem desde 8.27 se encerra nos arredores de Jerusalém com “uma demonstração messiânica em meio ao cortejo de peregrinos”. Para Pohl, este acontecimento é central na tradição dos evangelhos, pois

<sup>11</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. vol. 1, p. 755.

<sup>12</sup> CHAMPLIN, 2002, vol. 1, p. 755.

<sup>13</sup> LENSKI, R. C. H. *La interpretación de el evangelio segund San Marcos*. México: Publicaciones El Escudo, 1962. p. 409.

os quatro evangelistas transmitem o fato de modo detalhado. Na sua opinião, nem o batismo e nem a ceia recebem a mesma atenção uniformemente forte. “Montar num jumentinho foi um sinal que brilhou por sobre todo o tempo em Jerusalém, até a morte de Jesus”. O relato funcionou como introdução teológica para a história da Paixão.<sup>14</sup>

Mulholland também esclarece sobre como este fato se encaixa dentro da construção literária de Marcos:

Os líderes da oposição voltam com toda a força, depois de ausentes da maioria dos relatos anteriores (8.27 - 10.52). Pela primeira vez na narrativa de Marcos, Jesus aparece em Jerusalém. Sua primeira e última visita ao Templo (11.11; 12.41) é simples, porém altamente significativa; ele dá uma olhada e sai, como se fosse um estranho. Sua dramática rejeição do Templo provoca forte reação (como visto na nova seção de cinco histórias de conflito, 11.27-12.44) e conduz às suas declarações sobre o seu futuro (capítulo 13). No início do capítulo 14, as autoridades do Templo solidificam sua rejeição de Jesus ao planejar matá-lo.<sup>15</sup>

Trenchard faz uma interessante comparação em relação ao contexto do livro todo. Em 8.27, Jesus pergunta ao círculo íntimo de seus discípulos: “Quem o povo diz que eu sou?”, e, na sequência, quem eles diziam ser Jesus. Ouve dali a confissão de Pedro que Ele era o Cristo (8.29). Parece que agora na entrada em Jerusalém, Jesus lança um desafio ao povo e aos dirigentes de Israel. Embora as palavras não estejam escritas, a pergunta de Jesus soa como: “Quem vocês dizem que eu sou?”<sup>16</sup> Agora eles teriam de dar uma resposta. Parece que esta foi dada mais tarde quando pediram que fosse solto Barrabás, porque não queriam que Jesus reinasse sobre eles.

### 2.3 Contexto cultural

Para a compreensão do texto em questão, um aspecto da cultura é especialmente importante. A pergunta que surgirá mais adiante é o porquê ter sido utilizado um “jumento” e não outro animal. Por isso seguem algumas considerações iniciais ao assunto.

A palavra no original é *πῶλος*. A tradução literal é um filhote, do elefante ao gafanhoto, e, conforme Pohl, pode ser usado até para moças e rapazes. Quando não

<sup>14</sup> POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos*. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. p. 320.

<sup>15</sup> MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. p. 170.

<sup>16</sup> TRENCHARD, Ernesto. *Exposicion del evangelio segun San Marcos*. Madrid: Literatura bíblica, 1971. p. 137.



há maiores informações ou explicações, nas línguas orientais o sentido é o de um jumentinho.<sup>17</sup>

Gower informa que o jumento era o animal de carga mais utilizado e também o primeiro a ser utilizado pelos povos nômades. Ele era usado para levar pessoas e mercadorias. A sela era feita de três camadas: feltro, palha e tecido de crina. Depois, sacos amarrados eram jogados sobre a sela, e presos na parte de baixo para a segurança (Gn 42.25-28), ou ainda pendiam de uma armação (como se fosse um berço) colocada sobre a sela. Também cestos pendiam destas armações (1Sm 16.20; 25.18), e às vezes crianças eram carregadas nos mesmos.<sup>18</sup>

Os jumentos às vezes serviam também para puxar o arado (Is 32.20), mas não podiam ser emparelhados com um animal maior, tal como o boi (Dt 22.10). Os jumentos serviam igualmente para girar moinhos de cereais e rodas d'água. Embora algumas espécies de jumentos fossem exclusivamente para uso real (Jz 5.10) e também para transportar pessoas importantes (Gn 22.3; 1 Sm 25.23), eles foram substituídos pelas mulas como símbolo de status e o cavalo tornou-se a montaria para ir à guerra. O jumento veio a tornar-se gradualmente um símbolo de trabalho de paz, embora continuasse sendo sempre a montaria das pessoas comuns (Zc 9.9; Jo 12.15).<sup>19</sup>

Lurker informa que ao jumento são associadas ideias entre si contraditórias: por um lado, ele é desprezado como tolo e cabeçudo; por outro lado, é valorizado como animal útil e bondoso. Como animal de cavalgar, o jumento era como que sinal de importância, como se vê no texto de Juízes 12.14 ao se falar da família de Abdon. Como simbologia messiânica, recebeu importância a partir da bênção do patriarca Jacó sobre Judá e do texto de Zacarias 9.9.<sup>20</sup>

Para Konings, “o jumento e o cavalo são dois animais simbólicos. O primeiro é paciente, símbolo da paz; o segundo é agressivo, símbolo da guerra. O rei deve ser um servidor da paz, e não um criador de cavalos (Dt 17.16)”.<sup>21</sup> Esta diferença simbólica será relevante no momento da escolha que Jesus faz do animal com o qual entrará em Jerusalém.

<sup>17</sup> POHL, 1998, p. 320.

<sup>18</sup> GOWER, Ralph. Usos e costumes dos tempos bíblicos. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 235-236.

<sup>19</sup> GOWER, 2002, p. 236.

<sup>20</sup> LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993, p. 125.

<sup>21</sup> KONINGS, Johan. Jesus nos evangelhos sinópticos. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 48.

## 2.4 Contexto geográfico

A importância deste acontecimento pode ser vista pelo esforço em localizá-lo, embora a construção seja um pouco confusa. O primeiro versículo apresenta quatro localidades.

Schweizer afirma que a referência geográfica é um tanto peculiar, pelo fato de que Betfagé é mais próxima de Jerusalém do que Betânia. Pergunta então se Jesus teria ido a Betânia, através de Betfagé, e esperado mais um dia para ir a Jerusalém. Pressupõe com isso que está claro que Marcos, escrevendo em data posterior, não está familiarizado com estes lugares.<sup>22</sup>

Anderson concorda que a nota geográfica é um tanto estranha e informa que os manuscritos apresentam um certo número de variantes. Mas conclui que a formulação Betfagé e Betânia é suficientemente atestada nos manuscritos, e a ordem inversa pode ter se dado pela falta de conhecimento de primeira mão do evangelista.<sup>23</sup>

Os povoados, vistos de Jerusalém, estão nesta sequência: Betfagé fica no alto do monte, a mais ou menos um quilômetro; três quilômetros adiante temos Betânia, já na descida do outro lado e na margem da região desértica. Pohl é da opinião de que Marcos quer informar que Jesus havia chegado aos arredores habitados da cidade, e que mais detalhes sobre posição e direção de caminho Marcos não menciona.<sup>24</sup>

Também chama a atenção que Jerusalém é mencionada em primeiro lugar. Gundry afirma que Marcos pode tê-lo feito por Jerusalém ser o lugar onde a predição da morte e ressurreição de Jesus seria levada a efeito.<sup>25</sup>

Sobre a cidade de Jerusalém, Mulholland lembra ainda que esta era a capital da nação judaica, desde a época do rei Davi. Entretanto, Jerusalém não era a capital quando algum poder estrangeiro dominava a Palestina. Na época de Jesus, a capital da Província Romana era Cesareia, na costa do Mediterrâneo (cf. At 23.23s).<sup>26</sup>

Pohl comenta ainda sobre o contexto geográfico da entrada de Jesus em Jerusalém:

O cortejo de peregrinos se aproximava de Jerusalém pela estrada de Jericó, onde do lado leste da cidade se estendia o monte das Oliveiras. Este monte longo, com três pontos altos, era o divisor de águas para os peregrinos, depois de vinte e cinco quilômetros e mil metros de subida. Dali podia-se ver

<sup>22</sup> SCHWEIZER, Eduard. *The Good news according to Mark*. Atlanta: John Knox Press, c1970. p. 227.

<sup>23</sup> ANDERSON, Hugh. *The gospel of Mark*. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scotch, 1994. p. 261.

<sup>24</sup> POHL, 1998, p. 321.

<sup>25</sup> GUNDRY, 1992, p. 623.

<sup>26</sup> MULHOLLAND, [199-], p. 171.

com um olhar toda a cidade, 65 m abaixo, e especialmente o templo, separado somente pelo vale do Cedrom e meia hora de caminhada. Josefo o descreve, como testemunha do século I: ‘O aspecto externo do templo oferecia tudo o que podia alegrar os olhos e o coração. Coberto por todos os lados com placas pesadas e douradas, ao nascer do sol ele brilhava como que em chamas, cegando os olhos com raios do próprio sol’ (Guerras judaicas V, 5.6).<sup>27</sup>

### 3. ANÁLISE DO TEXTO DA ENTRADA EM JERUSALÉM

Nos dias de Jesus, havia ideias muito variadas entre os judeus que chegavam a ser até radicalmente diferentes com respeito ao Messias do fim dos tempos. Portanto, não existia um conceito único e definido acerca do mesmo. Normalmente, fala-se do Messias Judaico como se fosse uma figura bem conhecida e claramente definida para todos. É provável que a esperança de todos se concentrasse num Redentor que apresentasse traços nacionalistas. Assim, a partir deste enfoque comum a todos, podiam apresentar-se as compreensões mais diversas.<sup>28</sup>

No Antigo Testamento, várias pessoas foram unguidas com óleo, e assim separadas para desempenhar alguma função divinamente ordenada na teocracia. Sacerdotes (Lv 4.3; 6.22), reis (1Sm 24.10; 2Sm 19.21; 23.1; Lm 4.20) e profetas (1Rs 19.16) eram unguidos indicando uma designação divina para a função teocrática em questão, passando a fazer parte de um círculo especial de servos de Deus. Outras vezes, Deus refere-se a certas pessoas como “seu ungido” por estarem cumprindo o Seu propósito, mesmo que não tivessem sido unguidas literalmente com o óleo da consagração. Assim, Ciro é chamado de “ungido” (Is 45.1), bem como os patriarcas (Sl 105.15).<sup>29</sup>

Quando se fala de esperança messiânica no Antigo Testamento, ela é normalmente associada ao rei em Jerusalém por ser ele a principal pessoa unguida em Israel.<sup>30</sup> Rengstorf afirma que a memória sempre mais vívida do período magnífico e bem-sucedido do reinado de Davi em Jerusalém exerceu grande influência sobre o desenvolvimento da ideia do messias como uma figura histórica.<sup>31</sup>

<sup>27</sup> POHL, 1998, p. 321.

<sup>28</sup> CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002. p. 149.

<sup>29</sup> LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Exodus, 1997. p. 128.

<sup>30</sup> SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 392.

<sup>31</sup> RENGSTORF, K. H. Χριστός In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1080.

Profecias, como a de 2 Samuel 7.12s, prometem que o reino de Davi permaneceria para sempre, e quando as circunstâncias históricas pareciam negar o cumprimento desta profecia, o seu cumprimento foi esperado na pessoa de um Filho de Davi maior do que um simples rei local.<sup>32</sup> Isaías também anuncia que um rei da linhagem de Davi, dotado de um poder sobrenatural, iria “ferir a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matar o ímpio” (Is 11.4).

Zacarias descreve este rei como alguém que assegura a vitória e ganha a paz para os filhos de Jerusalém. Ele entrará em Jerusalém em triunfo e vitória sobre um jumento, banirá a guerra, trará paz às nações e governará sobre toda a terra (Zc 9.9-10). O fato de ele entrar sobre um asno (jumento), em lugar de um cavalo ou carruagem (Jr 22.4), sugere que ele conseguirá esta vitória e retornará a Jerusalém em paz.<sup>33</sup>

Vários outros textos do Antigo Testamento também demonstram esta expectativa messiânica da restauração de Israel por meio de um ungido do Senhor. Como exemplos podem ser citados: Salmo 89.3s, Jeremias 23.5s e 30.8s, Ezequiel 34.23-24 e 37.21s e Amós 9.11s.

No período intertestamentário esta expectativa pode ser vista em textos como os “Salmos de Salomão”. Ladd afirma que estes Salmos de Salomão foram produzidos por um autor desconhecido que foi aceito no círculo dos fariseus pouco depois do tempo em que Pompeu colocou a Palestina sob o controle de Roma, no ano 63 a.C. Este judeu devoto ora pela vinda do Reino de Deus por meio do rei prometido, o Filho de Davi.<sup>34</sup>

Thielman afirma que

Por volta do século I a.C., essas ideias haviam se tornado uma crença firme, pelo menos entre alguns judeus, na vinda do rei que seria chamado ‘o filho de Davi’ e ‘o Senhor Messias’ (*Salmos de Salomão* 17.21,32). ... o rei seria a resposta à profecia de 2 Samuel 7.12,16: Deus suscitaria um ‘fruto’ (lit. na LXX, *sperma*, ‘semente’) a Davi que estabeleceria seu trono para sempre (*Salmos de Salomão* 17.4). O Messias viria a uma nação previamente purificada de seus pecados (*Salmos de Salomão* 18.5) e, quando chegasse, purgaria Jerusalém e toda a terra dos gentios opressores (*Salmos de Salomão* 17.22-25) e de qualquer israelita ímpio (*Salmos de Salomão* 17.26-27,32). Aqui também o Messias davidico é o pastor do povo de Deus.<sup>35</sup>

<sup>32</sup> LADD, 1997, p. 128-129.

<sup>33</sup> LADD, 1997, p. 129.

<sup>34</sup> LADD, 1997, p. 129.

<sup>35</sup> THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. Tradução de Rogério Portela e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007. p. 72-73.

Cullmann também afirma que nos *Salmos de Salomão*, especialmente no Salmo 17 e 18, o rei futuro é chamado de Χριστός. Cita então uma oração do Salmo de Salomão 17.21s, na qual a esperança messiânica, comum ao período do Novo Testamento, está expressa claramente:

Desperta-lhes um rei, o filho de Davi, no tempo que tenhas escolhido para que reine sobre o teu servo Israel; cinge-o com o teu poder de modo que aniquile os tiranos ímpios e purifique a Jerusalém dos pagãos que a mancham com seus pés..., que os destrua com vara de ferro e destrua com a palavra de sua boca os pagãos ímpios; que suas ameaças façam os pagãos fugirem e que castigue aos pecadores por causa dos pensamentos de seus corações. Então ele reunirá um povo santo que ele governará com equidade, e julgará as tribos do povo santificado pelo Senhor seu Deus, e dividirá entre eles o país..., e os estrangeiros não terão o direito de habitar no meio deles..., submeterá os pagãos sob seu jugo, para que lhe sirvam, e glorificará publicamente ao Senhor aos olhos do mundo inteiro, e ele tornará Jerusalém pura e santa, como era no começo.<sup>36</sup>

George Ladd esclarece que esta é uma oração pelo cumprimento das profecias do Antigo Testamento referentes ao rei davídico esperado. O reino desejado é político e terreno na sua forma, embora uma nota religiosa também seja ouvida.<sup>37</sup>

Segundo Cullmann, no *Apocalipse de Esdras* o caráter político do reino messiânico também aparece plenamente, pois “o messias-rei aniquila os pecadores e concede sua graça aos bons que esperam, então, o fim dos tempos”. Da mesma forma é retratado no *Apocalipse de Baruque*. Afirma ainda que nos textos de Qumran, no *Documento de Damasco* e nos *Testamentos dos Doze Patriarcas*, as concepções judaicas do messias-rei político se associam a outras ideias sobre o Redentor esperado, com traços de sumo sacerdote.<sup>38</sup>

Embora esta expectativa messiânica no judaísmo tenha suas variações, Cullmann resume alguns pontos essenciais da seguinte maneira:

O Messias cumpre sua missão em um plano puramente terreno. Segundo a opinião atestada pelos Salmos de Salomão, ele inaugura o fim dos tempos; segundo a opinião mais recente, um período intermediário. Porém, em todo caso, o *con* em que aparece não é mais o ‘século presente’. Do ponto de vista temporal, o Messias se distingue, pois, do profeta escatológico. A obra do Messias é a de um rei político de Israel, seja seu caráter pacífico ou guerreiro.

<sup>36</sup> Apud CULLMANN, 2002, p. 149.

<sup>37</sup> LADD, 1997, p. 129.

<sup>38</sup> CULLMANN, 2002, p. 155.

O Messias judaico é da casa de Davi. É por isso que leva também o título de 'Filho de Davi'.<sup>39</sup>

Ladd faz ainda um interessante levantamento da expectativa messiânica a partir dos Evangelhos, afirmando que é uma das fontes mais importantes para o estudo do assunto, muito embora seja frequentemente omitida. Afirma que quando lidos atentamente, os Evangelhos apresentam uma esperança semelhante àquela refletida nos *Salmos de Salomão*. O povo esperava que um messias aparecesse (Jo 1.20,41; 4.29; 7.31; Lc 3.15). Ele deveria ser um filho de Davi (Mt 21.9; 22.42). Embora ele devesse nascer em Belém (Jo 7.40-42; Mt 2.5), havia uma tradição de que ele deveria aparecer repentinamente entre o povo a partir de uma origem obscura (Jo 7.26-27). Mas quando ele aparecesse, permaneceria para sempre (Jo 12.34).<sup>40</sup>

Os magos do oriente procuraram aquele que havia nascido rei dos judeus, e os escribas os encaminharam a Belém, que era o lugar em que ele deveria nascer. Herodes, o Grande, interpretou esta profecia em termos de poder político, pois temeu pelo seu próprio trono. Como não podia tolerar nenhum rival, procurou imediatamente destruir Jesus (Mt 2.1-18). A série de revoltas messiânicas que caracterizam aqueles dias também atestam esta expectativa por parte do povo. Ladd conclui então:

Tivesse sido o propósito de Jesus oferecer aos judeus tal reino davidico, político e terreno, eles o teriam aceitado de imediato e teriam disposição de segui-lo até a morte, se necessário fosse, para verem a inauguração de tal reino. Entretanto, quando Jesus recusou-se a desempenhar tal papel e indicou que sua missão era de um caráter completamente diferente e que o seu Reino deveria ser um Reino espiritual, no qual os homens deveriam comer a sua carne e beber o seu sangue, as multidões voltaram-se contra ele e a sua popularidade esvaneceu-se (João 6.66). Eles desejavam um rei para libertá-los de Roma, não um salvador para redimi-los dos seus pecados.<sup>41</sup>

O próprio João Batista, precursor do Messias, parece ter tido uma expectativa equivocada a respeito de Jesus Cristo. Quando esteve na prisão enviou seus discípulos a Jesus para lhe perguntar: “És tu o que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?” (Lc 7.19).

João Batista havia pregado sobre um Cristo que era muito maior do que ele, cujas sandálias ele nem sequer era digno de desatar; alguém que era poderoso para batizar com o Espírito Santo e também com fogo (Mt 3.11), ou seja, uma clara demonstração

<sup>39</sup> CULLMANN, 2002, p. 155-156.

<sup>40</sup> LADD, 1997, p. 130.

<sup>41</sup> LADD, 1997, p. 131.

de que tinha poder para aplicar o juízo quando quisesse, como quem queima a palha em fogo que não se apaga (Mt 3.12). Entretanto, agora João se encontrava numa prisão, na iminência de sua morte, e o Messias que ele apregoara não o vinha libertar. Era Jesus aquele que havia de vir, ou ainda era necessário esperar outro?

O Antigo Testamento, por meio dos salmos e dos profetas, anunciara a vinda de um messias com grande poder. O bem-sucedido reinado de Davi deixara a esperança de que um descendente seu reinaria como ele. Os escritos apócrifos do período intertestamentário, de forma especial os *Salmos de Salomão*, alimentaram uma expectativa messiânica. A opressão crescente de povos estrangeiros sobre os judeus tornava necessário um messias libertador. A reação fulminante de Herodes ao ouvir sobre um recém-nascido rei dos judeus, mandando matar todos os meninos com menos de dois anos, demonstrava a expectativa política do povo sobre este rei. A incompreensão de João Batista sobre sua situação, estando o Cristo nos arredores, mostra que a expectativa até entre os seus, inclusive seu precursor, era outra.

Como esclarecer tudo isto? Como corrigir esta expectativa equivocada de todos? Alguma coisa com um grande impacto precisava ser apresentada: a resposta foi dada na entrada de Jesus em Jerusalém, por meio de uma ação parabólica.

#### 4. SÍNTESE DO TEXTO DA ENTRADA EM JERUSALÉM

Hunter introduz seus comentários sobre a entrada de Jesus em Jerusalém afirmando que deste ponto em diante é melhor interpretar as ações de Jesus em termos de simbolismo profético. Sua ação proclamou que Ele era o Messias, mas um messias contrário a tudo o que as pessoas esperavam, um messias sem armas e nem exército, que se dirigia de forma humilde pelo caminho sobre o qual já caía a sombra da cruz.<sup>42</sup>

Também Pohl é da opinião de que para a entrada em Jerusalém “Jesus escolheu para isso uma ação simbólica”. A escolha de Jesus polemiza contra cavalos, armas e carros de guerra, pois “Ele anunciará a paz” (Zc 9.10). Montar a cavalo “era considerado coisa de opressores incrédulos”.<sup>43</sup> Para Collins, a escolha de Jesus de entrar em Jerusalém montado sobre um jumento ao invés de entrar caminhando é “uma forma não verbal de uma reivindicação messiânica”.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> HUNTER, A. M. *El evangelio según san Marcos: introducción y comentario*. Buenos Aires: La Aurora; México: Casa Unida de Publicaciones, 1960. p. 135.

<sup>43</sup> POHL, 1998, p. 322.

<sup>44</sup> COLLINS, Adela Yarbro. *Mark: a critical and historical commentary on the Bible*. Minneapolis: Fortress, 2007. p. 518.

Para Champlin,

O ato de Jesus, ao procurar um jumentinho para entrar em Jerusalém, montado neste animal, foi um ato deliberado, alicerçado sobre a consciência que ele tinha de ser o Messias quando chegou o momento de cumprir aquela profecia bíblica [de Zc 9.9]. O asno foi escolhido por ser um animal pacífico, usado no trabalho de tração, empregado em misteres humildes. O cavalo, por sua vez, era usado como animal de guerra.<sup>45</sup>

Trenchard afirma que a escolha do jumento coloca em relevo a verdadeira natureza do Reino. Este não havia de vir com força militar nem com ostentação carnal, mas por meios espirituais que o homem era incapaz de compreender à parte da iluminação do Espírito Santo.<sup>46</sup>

É interessante observar como a escolha do animal ganha destaque dentro da narrativa de Marcos. Dos 11 versículos da perícope, ao todo são sete versículos que contam como se conseguiu o animal. A entrada em si é apenas mencionada no último versículo.

Quando Jesus comissiona alguém para achar o animal, ele o faz por meio de dois discípulos. Assim como em 6.7 e em 14.13, duas testemunhas são escolhidas. Tanto na comissão (v. 2) como na execução (v. 4) é utilizado o verbo achar/encontrar (do grego εὐρίσκω). Achar não é o resultado de uma busca diligente, mas da direção divina. Não há nada de mágico nisto. Auxílios milagrosos até nos menores detalhes foram experimentados pelos servos de Jesus não poucas vezes.<sup>47</sup>

Taylor, citando Dobschutz, afirma que “o modo que Jesus escolheu para entrar em Jerusalém era muito apropriado para declarar sua dignidade messiânica àqueles que fossem capazes e estivessem dispostos a entendê-la, e para ocultá-la aos demais”.<sup>48</sup> É neste sentido que a escolha do animal foi significativa, com ênfase. Aqui em Marcos está apenas subentendido, o que nos evangelhos de Mateus (21.5) e João (12.15) foi verbalizado: o cumprimento da profecia de Zacarias 9.9: “Não tenha medo ó cidade de Sião; eis que o seu rei vem montado num jumentinho”.<sup>49</sup> Pohl informa ainda que no Talmude aparece um comentário sobre esta profecia: “Quem vê um jumentinho em sonho, está esperando o reino messiânico”.<sup>50</sup>

<sup>45</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 668.

<sup>46</sup> TRENCHARD, 1971, p. 140.

<sup>47</sup> POHL, 1998, p. 322-323.

<sup>48</sup> TAYLOR, Vincent. *Evangelio segun San Marcos*. Madrid: Crisandad, 1980. p. 541.

<sup>49</sup> FRANCE, R. T. *The gospel of Mark: a commentary on the greek text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 429.

<sup>50</sup> POHL, 1998, p. 322.



Schniewind ainda demonstra a preocupação de que se a caravana que estava acompanhando Jesus o tivesse proclamado publicamente como Messias, não se entende por que os romanos não intervieram imediatamente, já que outros pretendentes a Messias (apareceram vários) foram eliminados sumariamente.<sup>51</sup> De fato, parece que os romanos não se sentiram ameaçados nem afrontados diante de tal ato de Jesus. Quanto a isto, Mulholland lembra ainda que Jesus não vai aos palácios, mas ao Templo.<sup>52</sup>

Quanto aos líderes judeus, que não reagiram imediatamente mas apenas mais tarde, parece que no momento não conseguiram medir o tamanho do impacto da ação parabólica de Jesus. Quando o perceberam já era tarde demais.

Quanto ao povo, o texto diz que as pessoas aclamaram Jesus como rei: “Bendito o que vem em nome do Senhor” (v. 9). Mulholland afirma que

As pessoas estão corretas ao saudar o rei, mas equivocadas ao esperar o reino prematuramente. Jesus tem que, primeiro, sofrer e morrer. O rei assumirá o trono do outro lado de Jerusalém, numa colina chamada de Gólgota (15.22). (...) Jesus mostra aos discípulos e à multidão que ele não é o Messias militar que eles esperavam. Confundidos agora, a multidão se voltará contra ele depois.<sup>53</sup>

A entrada de Jesus em Jerusalém pode ser classificada dentro da categoria das ações parabólicas de Jesus pelo fato de transmitir uma mensagem que vai além do simples relato da chegada do Mestre naquela cidade. Dentre as características das ações parabólicas podemos observar as seguintes nesta perícopa:<sup>54</sup>

a) **Estilo:** como de costume, a presente ação parabólica apresenta uma mescla de *narrativa e diálogo*. Há um relato inicial, apresentando a situação e, em seguida, uma interação entre os personagens apresentados: de Jesus com os discípulos designados para a tarefa de encontrar o animal da montaria, destes discípulos com os proprietários do animal, e, finalmente, da multidão aclamando Jesus, embora neste último caso não seja um diálogo.

b) **Pessoa gramatical:** a partir da divisão (apresentada acima) em narrativa e diálogo, percebe-se que nesta ação parabólica a terceira pessoa é predominante na narrativa, e a interação entre primeira e segunda pessoa é apresentada no diálogo.

<sup>51</sup> SCHNIEWIND, Julius. *O evangelho segundo Marcos*. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989. p. 161.

<sup>52</sup> MULHOLLAND, [199-], p. 172.

<sup>53</sup> MULHOLLAND, [199-], p. 172.

<sup>54</sup> Cf. KUNZ, Claiton André. *Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. p. 35-40.

Na parte narrativa, em apenas 11 versículos aparece 13 vezes o pronome pessoal de terceira pessoa αὐτός, e 22 vezes os verbos estão em terceira pessoa. Já no diálogo, os pronomes de primeira e segunda pessoa aparecem 3 vezes e 7 vezes os verbos estão em segunda pessoa.

c) **Tempo verbal:** Na parte narrativa da ação parabólica, como se devia esperar, aparecem tempos no passado, enquanto na parte dos diálogos o tempo presente é predominante. Nesta perícopé, o tempo aoristo aparece 15 vezes, enquanto o tempo presente aparece 19 vezes, de um total de 41 ocorrências verbais.

d) **Tipos de frase:** aqui poderíamos destacar as expressões “encontrarão um jumentinho amarrado, no qual ninguém jamais montou...”<sup>55</sup> (v. 2) e a do verso 3, enfática: “o Senhor precisa dele”.

e) **Semântica:** como em toda ação parabólica, podemos perceber a presença de verbos que denotam movimento, especialmente na parte narrativa, como por exemplo ἐγγιζω, ἀποστέλλω, ὑπάγω, λύω, ἀπέρχομαι, ἔρχομαι, εἰσέρχομαι, ἐξέρχομαι, entre outros. A conjunção καί também é muito frequente na parte narrativa da ação parabólica: ela aparece 20 vezes no relato de apenas 11 versículos; esta conjunção ajuda na estrutura interna da narrativa da ação, e dá a ideia de movimento.

f) **Metaníveis:** de acordo com Stählin, as ações parabólicas têm uma dupla ou tripla função. Para ele, esta dupla ou tripla função pertence à essência da ação parabólica.<sup>56</sup> Este é o ponto central deste estudo, ou seja, a descoberta do significado especial do texto. Por que Jesus entrou com um animal de montaria em Jerusalém? Jesus desenvolveu todo o seu ministério - seja na Galileia, Samaria ou Judeia - sempre se deslocando sem o auxílio de um animal.<sup>57</sup> Por que apenas neste momento ele faz uso deste recurso? E por que faz então uso de um jumento e não de outro animal? Parece não haver dúvida de que o texto da entrada de Jesus em Jerusalém apresenta metaníveis.

Depois de mais de três anos de ministério pregando a chegada do Reino de Deus,

<sup>55</sup> Mateos e Camacho informam que a expressão “que ninguém jamais montou” significa que nunca existiu antes em Israel um líder que cumprisse essa profecia (MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 259). Sobre a mesma expressão, Álvarez é da opinião de que significa que tem um valor cultural, um animal santo e separado para este propósito litúrgico, conforme Números 19.2 (ÁLVAREZ, 2007, p. 100).

<sup>56</sup> STÄHLIN, G. Die Gleichnishaendlungen Jesu. In: KOSMOS und Ekklesia: Festschrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag. 24/09/1953. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953. p. 18.

<sup>57</sup> MARCUS, Joel. Mark 8 - 16: a new translation with introduction and commentary. New Haven and London: Yale University Press, 2009. p. 778.

o Rei deste Reino precisa se apresentar. Jesus planeja esta chegada por meio de uma ação de grande impacto, embora nem todos os que a presenciaram tenham compreendido seu significado naquele devido momento. O evangelista João afirma que “a princípio seus discípulos não entenderam isso. Só depois que Jesus foi glorificado, eles se lembraram de que essas coisas estavam escritas a respeito dele e lhe foram feitas” (Jo 12.16).

O Antigo Testamento deixava transparecer a chegada de um Messias futuro que libertaria o seu povo. O reinado de Davi deixou a esperança de um rei que governaria como ele ou que lhe seria maior. A literatura intertestamentária, especialmente os *Salmos de Salomão*, alimentaram a esperança do povo da chegada de um Messias, Filho de Davi.<sup>58</sup> As circunstâncias da época de Jesus também mostram que esta expectativa estava muito presente entre os judeus.

O grande problema era que as pessoas não compreendiam a natureza deste Messias. Jesus não veio como um libertador político ou militar que iria livrar o povo da opressão do império romano sob o qual estavam subjugados. Sua missão era outra, cuja natureza era diferente da expectativa do povo. Ele não havia vindo para tomar Jerusalém à força. Se assim fosse, teria entrado com algum exército, com armas e carros, e cavalgando um animal de guerra, expulsando os opressores. Entretanto, sua conquista acontece na esfera espiritual, como “Príncipe da Paz”, o “Bendito Rei que vem em nome do Senhor”.

Evans ainda informa que a entrada de Jesus em Jerusalém marca o início da semana da paixão, na qual Jesus é identificado como Rei Messiânico (montando um jumento e sendo identificado como o que vem em nome do Senhor e no reinado de Davi), e que termina com a confissão de Jesus diante dos sacerdotes (“Você é o Cristo, o filho do Deus Bendito?”, “Sou”, disse Jesus [Mc 14.61-62]), e com a crucificação pelos romanos, identificando Jesus como o “Rei dos Judeus” (Mc 15.26).<sup>59</sup> Além desta semana começar e terminar com o tema paralelo do rei messiânico, ela também apresenta dramáticos contrastes: “Jesus entra em Jerusalém em meio a exclamações de alegria e bajulação, mas sai da cidade em meio a exclamações de ridicularização e sofrimento”.<sup>60</sup>

<sup>58</sup> Sobre a expressão “Filho de Davi” sugerimos a leitura de SMITH, Stephen H. The function of the son of David tradition in Mark’s gospel. In: *New Testament studies*, Cambridge, vol. 42, 1996, p. 523-539.

<sup>59</sup> EVANS, Craig A. *Mark 8:27 – 16:20*. Nashville: Thomas Nelson, 2000. p. 147.

<sup>60</sup> EVANS, 2000, p. 147.

## REFERÊNCIAS

ALAND, K. et. al. (Edit.). *The greek New Testament*. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.

ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. *Marcos*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. 154 p.

ANDERSON, Hugh. *The gospel of Mark*. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth, 1994. 366 p. (Série: The new century Bible commentary).

BORTOLINI, José. *O evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003. 278 p. (Série: Bíblia e cotidiano).

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 6 volumes.

\_\_\_\_\_. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. 6 volumes.

COLLINS, Adela Yarbro. *Mark: a critical and historical commentary on the Bible*. Minneapolis: Fortress, 2007. 894 p.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002. 440 p.

EVANS, Craig A. *Mark 8:27 - 16:20*. Nashville: Thomas Nelson, 2000. 594 p. (World biblical commentary)

FRANCE, R. T. *The gospel of Mark: a commentary on the greek text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

GNILKA, Joachim. *El evangelio segun San Marcos*. Salamanca: Sígueme, 1986. 2 volumes.

GOWER, Ralph. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*. Tradução de Neyd

Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 393 p.

HUNTER, A. M. *El evangelio según san Marcos: introducción y comentario*. Buenos Aires: La Aurora; México: Casa Unida de Publicaciones, 1960. 191 p.

KONINGS, Johan. *Jesus nos evangelhos sinópticos*. Petrópolis: Vozes, 1977. 149 p.

KUNZ, Claiton André. *Ações parábolicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. 83 p.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Exodus, 1997. 584 p.

LENSKI, R. C. H. *La interpretación de el evangelio segund San Marcos*. México: Publicaciones El Escudo, 1962. 670 p.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. 299 p.

MARCUS, Joel. *Mark 8 - 16: a new translation with introduction and commentary*. New Haven and London: Yale University Press, 2009.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998. 390 p. (Série: Comentários bíblicos).

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. 240 p.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993. 248 p.

POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos*. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 467 p. (Comentário Esperança).

RENGSTORF, K. H. *Χριστός*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.).

Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

SCHWEIZER, Eduard. *The Good news according to Mark*. Atlanta: John Knox Press, c1970. 395 p.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000. 515 p.

SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. 448 p.

SMITH, Stephen H. The function of the son of David tradition in Mark's gospel. In: *New Testament studies*, Cambridge, vol. 42, 1996, p. 523-539.

\_\_\_\_\_. The literary structure of Mark 11.1 - 12.40. In: *Novum Testamentum: an international quarterly for New Testament and related studies*, Leiden, vol. 31, n. 2, 1989, p. 104-124.

STÄHLIN, G. Die Gleichnishaendlungen Jesu. In: *KOSMOS und Ekklesia: Festschrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag, 24/09/1953*. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953. 277 p.

THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. Tradução de Rogério Portela e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007. 902 p.

TRENCHARD, Ernesto. *Exposicion del evangelio segun San Marcos*. Madrid: Literatura bíblica, 1971. 226 p.